

ITINERÁRIOS MIGRATÓRIOS E TRAJETÓRIAS SOCIAIS: OS BRASIGUAIOS NA OCUPAÇÃO DA GLEBA SANTA IDALINA EM IVINHEMA-MS (1984-1986)

NELSON DE LIMA JUNIOR*

Resumo: O artigo tem como objetivo fazer algumas considerações acerca da ocupação da Gleba Santa Idalina em Ivinhema-MS, por um grupo de aproximadamente mil famílias de brasiguaios no ano de 1985. Procura-se estabelecer um mapeamento desses sujeitos fronteiriços, observando os motivos que influenciaram na ida para o Paraguai a partir da década de 1960 e posteriormente o retorno nos anos que se seguiram 1980, quando estes passam a ingressar nos movimentos de luta pela terra no Brasil. Sabe-se que os brasiguaios que ocuparam a Santa Idalina vieram do Paraguai para a cidade fronteiriça de Mundo Novo (MS), onde ficaram acampados cerca de seis meses, vivendo na “cidade de lona”, reivindicando um pedaço de chão. No ano de 1986, eles se transferem para uma área pertencente a Sociedade de Melhoramento e Colonização (SOMECO S/A), conhecida como Gleba Santa Idalina, que já havia sido ocupada um ano antes por centenas de sem-terra. Assim, foi formado neste local o assentamento Novo Horizonte, que posteriormente dará origem ao município de Novo Horizonte do Sul. Neste sentido, esta ocupação marca o retorno dos *brasileiros* agora *brasiguaios* para o Brasil, sendo reconhecido como movimento que deu certo. Com relação às fontes que dão subsídios para a pesquisa destacam-se as orais e impressas como publicações do *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra* e do *Jornal O Progresso*.

Palavras-chave: Fronteira, Brasiguaios, Ocupação.

Artigo recebido em 14 de Agosto de 2014 e aprovado para publicação em 23 de Outubro de 2014.

*Mestrando em História pelo Programa de Pós Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados. Email: nelson_ivi@hotmail.com

Abstract: The article aims at making some considerations about the occupation of Santa Gleba Idalina in Ivinhema-MS, a group of about a thousand family's brasiguaios in 1985. We expect to do a mapping of these frontier subjects, noting the reasons that influenced the trip to Paraguay from 1960 and later return in the years following 1980, when they pass to join in the movements of struggle for land in Brazil. It is known that brasiguaios who occupied the Santa Idalina came from Paraguay to the border town New World (MS) from where they were camped about six months, living in the "city bag", claiming a piece of land. In 1986, they move to an area belonging to the Improvement and Colonization Society (SOMECA S/A), known as Santa Idalina Gleba, which had been occupied for a year before hundreds of landless. Therefore the settlement Novo Horizonte was formed in this area, which later made the municipality of Novo Horizonte do Sul exist. In this sense, this occupation marks the return of Brazilians, now brasiguaios, to Brazil, being recognized as a successful movement. With regard to the sources that give grants for research highlight the oral and printed publications as the newspapers *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra* and *O Progresso*

Keywords: Frontier, Brasiguaios, Occupation.

1.1 A construção do sujeito fronteiriço: *Brasiguaião*

O conceito de fronteira é algo bastante amplo, que não se limita apenas a uma faixa imaginária que divide dois países. As fronteiras têm mudado significativamente seu traçado, sendo consideradas como um espaço de aproximação e apropriação de culturas, pelo fato de proporcionar articulações sociais entre os sujeitos fronteiriços. Alinhado com esse pensamento, fronteira, na concepção de Pierre Bourdieu,¹ é um espaço simbólico, espaço de existência de conflitos, algo praticado pelos sujeitos, praticada nas narrativas de autores, de personagens, sendo influenciada por fatores: políticos, econômico, social, culturais e principalmente identitário. As fronteiras nacionais são lugares de controle e de travessia, lugares de movimento de pessoas que cruzam os limites e configuram outras fronteiras, são os sujeitos transfronteiriços, ou seja, o indivíduo não se encontra mas desencontra-se. Por isso, a fronteira é o local da alteridade.

Percebe-se assim, que o próprio conceito de *fronteira*, possui inúmeras definições, como: espaço de movimento, entre lugar, fronteira cultural (articulações sociais entre culturas), espaço praticado, lugar de transição, espaço simbólico, espaço de existência de conflitos, espaço de aproximação, entre outras. Assim, o conceito muda com o espaço em que está empregado. Aqui,

¹BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz, 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

a noção de fronteira está relacionada ao espaço em movimento entre o Brasil e o Paraguai e suas múltiplas relações, que norteiam os nossos atores históricos: os brasiguaios.

Segundo José de Souza Martins

o sentido de fronteira vai além da geografia: “Ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteiras da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da história e da historicidade do homem. E sobretudo, fronteira do humano”.²

Identidade e representação se entrelaçam dentro da perspectiva fronteiriça, principalmente quando estamos tratando da construção de um sujeito. Identidade que, para Foucault, é um composto produzido por relações de poder. Neste sentido, o que define o sujeito brasiguai em um primeiro momento é a relação de pertencimento há um determinado grupo. Essa identidade se caracteriza pela diferença. A representação neste sentido está relacionada ao imaginário social do grupo. Assim, os brasiguaios iram se constituir a partir do *outro*, aqui representados pelos brasileiros.

Neste sentido,

Esta identidade marcada pela diferença tem símbolos concretos que ajudam a identificar nas relações sociais quem é, por exemplo, mulher e quem não é. Assim a construção da identidade é tanto simbólica quanto social e a luta para afirmar uma ou outra identidade ou as diferenças que os cercam tem causas e consequências materiais. Por exemplo, “os homens tendem a posições-de-sujeito para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referência, sendo assim as mulheres são as significantes de uma identidade masculina partilhada. A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças – neste caso entre grupos étnicos – são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares.”³

Todavia, a realidade fronteiriça deve ser compreendida como um lugar de conflito e alteridade entre nós e os outros e como um espaço de várias temporalidades. O lado de cá e o lado de lá da fronteira, representa o encontro e o desencontro dos grupos sociais, fato este que proporciona uma visão abrangente aos olhos do pesquisador, principalmente no que diz respeito a construção de determinadas identidades étnicas. Percebe-se que os imigrantes, com ênfase nos

² MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2012. P.11

³ SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, P.10-11.

imigrantes brasileiros no Paraguai, sempre utilizam os termos *lá* e *cá* com frequência em suas narrativas. O *lá* para eles seria o Paraguai, a terra do Outro e o *cá e/ou aqui*, seria o Brasil, reforçando a ideia de pertencimento, a demarcação da nacionalidade.

Porém, quem são os brasiguaios? Serão os brasileiros que possuem terras em ambos os lados da fronteira? Serão os brasileiros que migraram para o Paraguai no anseio de adquirir terras mais baratas nas décadas de 1960 a 1980? Serão os pequenos agricultores camponeses que possuem pequena área de terra do outro lado da fronteira em consequência da expulsão pelos latifundiários e a modernização da agricultura em solo brasileiro? Serão os imigrantes brasileiros que foram “expulsos” do Paraguai e hoje se encontram envolvidos em movimentos de luta pela terra em solo brasileiro? Estas são algumas das indagações a respeito da construção deste sujeito.

A partir de uma análise bibliográfica é possível observamos várias discussões a respeito da “categoria brasiguai”. Os jornais que circulam no Brasil tratam os brasiguaios como um grupo social constituído por milhares de famílias brasileiras que se deslocaram para a fronteira leste do Paraguai na década de 70 a partir da expulsão por parte do aumento da monocultura e dos latifúndios no Brasil e com a construção da usina de Itaipu, que passam a enfrentar em solo estrangeiro sérios problemas com relação a documentação, titulação de terras, desapropriações, conflitos etc. Já os jornais de circulação no Paraguai, definem os brasiguaios como: grandes proprietários e invasores que ocuparam terras de camponeses paraguaios. Deste modo notamos aqui uma dicotomia, entre ambos, países. Sabendo que quando trabalhamos como narrativas orais e jornais, devemos nos ater aos discursos e as representações⁴.

Todavia, alguns pesquisadores procuram estudar os brasiguaios a partir de outros olhares, buscando não estabelecer uma visão homogeneizada sobre esta categoria histórica. Como exemplo, pode-se citar: Cácia Cortez,⁵ que busca ver os brasiguaios a partir do estabelecimento da monocultura no sul no Brasil; Luiz Carlos Batista⁶ que se detém a analisar o mercado de terras no oeste do Paraná e na fronteira leste do Paraguai; Carlos Wagner⁷ busca evidenciar a questão política envolvida no processo de imigração, mostrando os pontos ligados a terra fartas e facilidades para o trabalho além-fronteira.

José Luiz Alves⁸ trabalha com as perspectivas políticas que permeiam as ditaduras dos dois país e a questão agrária; João E. Fabrini⁹ define o brasiguaios como sujeitos sociais

⁴ Fonte: Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. São Paulo, Setembro de 1985, Ano IV, nº47, p.7. Jornal O Progresso. Dourados, Outubro de 1985, Ano 35, nº475, p.1. ULTIMA HORA, 19/09/2003, p.24.

⁵CORTÊZ, C. *Brasiguaios: os refugiados desconhecidos*. s. l. Brasil Agora, 1994.

⁶BATISTA, L. C. *Brasiguaios na fronteira: caminhos e lutas pela liberdade*. São Paulo, 1990. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

⁷ WAGNER, Carlos. *Brasiguaios: homens sem pátria*. Petrópolis: Vozes, 1990.

⁸ALVES, J. L. *Brasiguaios: destino incerto*. São Paulo: Global, 1990.

territorializados precariamente, meio brasileiros e meio paraguaios; Carlos Alberto Ferrari¹⁰ brasileiros eliminados do mercado de trabalho no Paraguai e, retornam para o Brasil em busca de melhores condições de vida; Marcia Anita Sprandel,¹¹ que analisa o surgimento da identidade brasiguai a partir da mobilização política de famílias camponesas que retornam organizadamente ao Brasil em 1985, definindo os brasiguaios como um grupo étnico em situação de fronteira; Leandro Baller, em sua dissertação de mestrado intitulada “Cultura, Identidade e Fronteira: Transitoriedade Brasil/Paraguai”,¹² define os brasiguaios como atores indefinidos, a partir de uma análise do processo migratório de brasileiros para o Paraguai.

Neste sentido, pode-se dizer que há todo um revestimento deste sujeito social. Os brasiguaios são: os pequenos agricultores, empresários, arrendatários, posseiros, grileiros, boia-fria, sem-terra etc. O sujeito brasiguai não é apenas o agricultor pobre que perdeu suas propriedades e se integra aos movimentos de luta pela terra. Ou seja: se o sujeito foi para o Paraguai e retornou é brasiguai, independentemente da sua condição social.

Desse modo, três características fazem com que estes diferentes sujeitos pertençam a uma mesma categoria. Em primeiro lugar está o fato de serem brasileiros: é a partir desta realidade que se constrói outra denominação em outro país. Em segundo lugar, ele é estrangeiro. Por fim, o brasiguai é um imigrante, seja de forma legal ou ilegal. Cabe destacar que, quando tratamos os Brasiguaios na condição de imigrantes, estamos definindo-os como agentes transitórios.

Assim,

A imigração faz parte da história e da vida do homem, e foi por meio delas que novas culturas nasceram e novos sujeitos sociais apareceram. A imigração de pessoas em busca de melhores dias, por exemplo, resulta de um processo de expansão do meio físico para a monocultura e a automação do trabalho, surgiu como esperança e possibilidade de uma vida, mesmo que em território estranho, como é o caso dos brasiguaios.¹³

A categoria brasiguai surge a partir da problemática migratória de brasileiros em direção ao Paraguai e da constituição de um grupo que se forma com o objetivo de lutar pela

⁹ FABRINI, João E. *Campesinato e agronegócio na fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. NERA – Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – Artigo DATALUTA: novembro de 2012.

¹⁰ FERRARI, Carlos Alberto. *Os brasiguaios na fronteira: luta pela terra, violência e precarização do trabalho no campo e na cidade*. Pegada, vol. 8 n° 2, 2007.

¹¹ SPRANDEL, M. A. *Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais*. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado) – PPGAS, Museu Nacional.

¹² BALLER, Leandro: *Cultura, Identidade e Fronteira: Transitoriedade Brasil/Paraguai (1980-2005)*. 2008. 186 p. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2008.

¹³ FERRARI, Carlos Alberto. *Os brasiguaios na fronteira: luta pela terra, violência e precarização do trabalho no campo e na cidade*. Pegada, vol. 8 n° 2, 2007. P.118

terra. A denominação brasiguai, neste sentido, se configura enquanto “bandeira” de luta para diferenciar-se dos demais movimentos. Deste modo, os *Brasiguaios*, aqui são entendidos como sujeitos sociais territorializados precariamente no Paraguai e em meio as dificuldades como: violência, coerção e exploração, retornam para o Brasil para lutar pela reforma agrária, usando esta denominação para se diferenciar dos demais movimentos de lutas pela terra, como o MST, CUT, FETAGRI, entre outros, pois acreditavam que assim pudessem estar à frente dos outros movimentos.

1.2 A busca pela terra além fronteira (1960 e 1980)

Na década de 1950 cerca de 350 mil brasileiros imigraram de regiões do nordeste para o Paraguai com o anseio de conseguir emprego, propriedades e melhores condições de vida. Para o governo do Paraguai esta migração significava o ganho de mão-de-obra especializada e barata. Já para o governo brasileiro ter imigrantes além-fronteira poderia garantir o cumprimento de acordos feitos por ambos países.

Cabe destacar que, de 1950 a 1970, o Brasil se articulou para uma aproximação com o país vizinho, com o objetivo de consolidar sua hegemonia no continente. Tendo em vista que havia uma disputa entre o Brasil e a Argentina em torno da realização de acordos com o Paraguai. Desde modo, a relação entre o Brasil e o Paraguai se estreitam pelo fato de que ambos países estavam sendo governado por militares, com a construção de estradas que os ligam definitivamente os dois países, a inauguração da Ponte da Amizade (permitindo ao Paraguai ter acesso ao Oceano Atlântico via Brasil) e a construção da Usina de Itaipu.

Os brasileiros, neste período, vão trabalhar nas empresas de colonização do Paraguai, haja vista que, na década de 1950 e 1960 o governo de Alfredo Stroessner intensificava o seu projeto de ocupação dos espaços “vazios” com o objetivo de colonizar e expandir o território Paraguaio. Alguns ainda adquiriram terras, passando a cultivar principalmente hortelã para comercializar com os japoneses.

Todavia, a partir dos anos de 1970 o governo de Stroessner coloca em prática a segunda etapa de seu projeto, tendo agora como foco o Alto Paraná e a venda de terra. As propagandas de cunho político realizada pelo Paraguai, conseguiu chamar a atenção de inúmeras famílias brasileiras, sendo em suma do Estado do Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Essas pessoas que possuíam propriedades no Brasil, mas que não estavam conseguindo competir com os grandes latifúndios e a mecanização da agricultura, bem como os pequenos camponeses

que tiveram suas propriedades alagadas pela construção da Usina de Itaipu¹⁴, migram para o Paraguai. Marcia Anita Sprandel ressalta que

a opção pelo Paraguai parece ter se configurado antes como possibilidade de acesso a novas áreas de terras agricultáveis, da melhor qualidade, pelas condições facilitadas. Essas terras situam-se muito próximas ao Brasil, e esse se faz presente nas transmissões de rádio e televisão. Além disso, é permanente o contato social e econômico com cidades paranaenses e sul mato-grossense, limítrofes.¹⁵

Estes colonos venderam suas propriedades no Brasil e adquiriram no Paraguai, passando a cultivar principalmente feijão, arroz, milho, mandioca, cana, soja e algodão. A produção da soja desencadeia um crescimento da produção agrícola e a modernização dos meios de produção. A partir deste momento nota-se uma imigração em massa para o Paraguai:

O trânsito de agricultores pela aduana paraguaia da Foz do Iguaçu era contínuo e desordenado. Maquinas, animais e homens entravam no Paraguai como se estivessem indo para outro Estado brasileiro. Nas rádios das cidades do interior do Brasil, principalmente as gaúchas pipocavam entrevistas de colonos que alardeavam ter ficado ricos da noite para o dia naquele país. Mas o quadro não era bem aquele que estava sendo pintado pelos colonizadores.¹⁶

Os imigrantes brasileiros passaram a se estabelecer nas regiões Norte, Salto del Guairá, La Paloma, Puente Kyha, Corpus Christi e Phovy; no Leste, Marangatú; no Oeste em Maracajú; no Sul, onde começou a emigração, na região do Alto Paraná, em Santa Rosa, Esquina Gaúcha, Raul Penha e Laranjal.¹⁷ As terras adquiridas não possuíam escritura, era apenas emitido um título que por sua vez não garantia a posse. Já os brasileiros conseguiam se manter “legalmente” no Paraguai, somente com a renovação do *permiso*, documento que reconhecia-os como turistas no país guarani. Segundo o Sr. Jovencino Francisco dos Santos, brasileiro que imigrou para o Paraguai na década de 1970, havia três tipos de documentos que garantiam a permanência no

¹⁴ O total de desapropriações exigidas por Itaipu chega a oito mil propriedades, desalojando 40 mil famílias que, de acordo com o documento elaborado em assembleia, na cidade de Marechal Cândido Rondon, no mês passado, exigem a implantação de programas de reforma agrária, em latifúndios por exploração e extensão, existentes no Paraná, a fim de que seja promovido o reassentamento dos proprietários, parceiros, arrendatários e assalariados atingidos pela barragem de Itaipu. (O Estado de São Paulo, 1979, p.9).

¹⁵ SPRANDEL, M. A. *Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais*. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado) – PPGAS, Museu Nacional. P.4

¹⁶ WAGNER, Carlos. *Brasiguaios: homens sem pátria*. Petrópolis: Vozes, 1990. P.18

¹⁷ WAGNER, Carlos. *Brasiguaios: homens sem pátria*. Petrópolis: Vozes, 1990. p.20

Paraguai: “tinha que ter primeiro a libreta que eles falava (sic), depois o permício e uma carteirinha que tinha lá no Paraguai, que tinha que pagar todo ano”.¹⁸

No entanto, com o passar dos anos começaram a surgir os primeiros problemas que vão acarretar no retorno destes brasileiros ao Brasil, podendo destacar como exemplo: a imposição de um governo ditatorial, violência policial, falta de documentação das propriedades rurais, imigrantes ilegais, baixo preço da soja e do algodão, pressão dos latifundiários sobre os camponeses para vender suas propriedades.

A década de 70 e 80 neste sentido, irá marcar o período de retorno destes brasileiros, os quais retornam ao seu país de origem sem posses e sem saber qual é sua identidade. Nota-se que neste intervalo de tempo começam a surgir no Brasil com maior intensidade os movimentos de luta pela terra, podendo citar como exemplo o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST)¹⁹ e entidades de apoio aos movimentos como a Comissão Pastoral da Terra (CPT)²⁰. As dificuldades dos camponeses começam a aparecer mediante a concorrência com os latifundiários, o avanço das lavouras mecanizadas e a cultura da soja. Sem ter como competir com os grandes produtores, estes vendem suas propriedades inclusive para sanar suas dívidas. Desde modo, um dos motivos principais de “repuxão” dos brasileiros do Paraguai está ligado também à

Precária e frágil institucionalização, a ausência do Estado na garantia de direitos e, principalmente, as irregularidades na documentação das terras [...] São inúmeros os casos de pequenos agricultores que compraram “direitos de posse” ou adquiriram de boa-fé terras “grileiras”, com documentação de propriedade sem validade jurídica e não reconhecida pelos órgãos oficiais paraguaios.²¹

Estes brasileiros que migraram para o país vizinho na tentativa de buscar um meio de reprodução social com a terra, coisa que o Brasil não lhes oferecia a partir da década de 1950, encontraram uma realidade totalmente diferente no Paraguai. No país vizinho sofreram com a opressão e exploração por parte do governo paraguaio. Neste contexto de dificuldades, os

¹⁸Entrevista oral realizada em 25/06/2014, em Novo Horizonte do Sul.

¹⁹ Sua origem localiza-se no agravamento das condições de vida e trabalho de trabalhadores no campo e no desenvolvimento crescente no campo e nas cidades. A não realização da reforma agrária prometida em 1964 com o Estatuto da Terra e a colonização oficial, atraindo e depois abandonando os colonos em áreas de produção, fizeram crescer a decisão “nós precisamos conquistar a terra, em nossa região”. Fonte: *A violência da luta pela terra. In: Comissão Pastoral da Terra. Caderno da CPT, Goiânia- GO, 1986, p.2.*

²⁰ Em 1975 reuniram-se em Goiânia alguns bispos, padres, irmãs e leigos e discutiram a problemática da terra no Brasil. Uma das propostas aprovadas foi a criação da Comissão Pastoral da Terra, uma organização de Igrejas que procura acompanhar a situação dos lavradores. *Caderno da CPT, Goiânia- GO, 1982, p. 1.*

²¹FABRINI, João E. *Campesinato e agronegócio na fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. NERA – Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – Artigo DATALUTA: novembro de 2012. P.2

brasiguaios iniciam a luta de retorno para o Brasil. Deste modo, esses indivíduos começam uma luta pela terra em solo brasileiro, participando de movimentos sem-terra, levantando acampamento, organizando ocupações etc.

Para o retorno ao Brasil, os brasiguaios utilizaram duas “trilhas”, sendo uma por Foz do Iguaçu, que faz fronteira com o Alto Paraná e outra por Mundo Novo, oeste de Mato Grosso do Sul. Os brasiguaios se instalam principalmente nos Estados do Paraná e Mato Grosso do Sul. Ambos processos possuem diferenças, dentre elas: no Paraná o retorno ocorreu de forma desorganizada e sofreu com a repressão do governo brasileiro. Em compensação, Mato Grosso do Sul, por ser um Estado latifundiário, foi procurado como primeira opção e a imigração ocorreu de forma organizada pelo MST.

É deste modo que no Paraná os brasiguaios vão enfrentar grandes dificuldades para se estabilizarem, passando a ocupar as periferias das cidades e os assentamentos do MST, vivendo em condições precárias e alta taxa de desemprego e salários baixos. Porém, quem são estes brasiguaios que retornam?

Eles são, na sua maioria, filhos de pequenos produtores que não conseguiram acumular dinheiro para aumentar suas posses e, com isso, dar condições aos seus de ficarem na terra; também são remanescentes dos primeiros agricultores que haviam colonizado aquele país. Estes eram de comunidades localizadas nas cidades de Santa Rosa, Canandu, Cuerpo Christi, Alvorada, Guaivirá, Santa Clara, Figueira, Maracajú, Caarapã, Ponte Kírrá e Guadalupe. Após retornarem para o Brasil, mais especificamente para o Estado de Mato Grosso do Sul se concentram em suma nas cidades de: Amambaí, Sete Quedas, Naviraí e Mundo Novo. Cabe destacar, que aqui estamos tratando de um processo relacionado ao Estado de Mato Grosso do Sul, não abordando assim a presença em massa de brasiguaios também no Estado do Paraná, a qual não será enfatizada neste momento.

1.3 Os brasiguaios na ocupação da Gleba Santa Idalina

Os brasiguaios, como são conhecidos os imigrantes brasileiros que se deslocam para o Paraguai, se apresentam às lideranças políticas brasileira no ano de 1985, quando aproximadamente mil famílias instaladas em um acampamento no pátio da prefeitura de Mundo Novo (MS), publicam um documento intitulado “Carta à população”, onde consta a realidade vivida por estes além-fronteira e seu anseio de adquirir um pedaço de chão em solo brasileiro, como mostra o trecho abaixo:

QUESTÃO DA TERRA: A gente comprava a terra e pagava. Recebia um título. Depois de algum tempo vinha alguém dizendo que o documento não valia. Tinha que pagar a terra de novo. Teve companheiros que pagaram a terra 3 vezes, 5 vezes, até 8 vezes. No final muitos companheiros foram despejados, presos e pra complementar foram expulsos perdendo tudo. É o caso do companheiro Francisco Teixeira, José Yamashita e outros.²²

A organização do movimento se deu em terras paraguaias, quando as famílias foram cadastradas e organizadas.

[...] no Paraguai, eles conseguiram montar uma rede de informações que funcionava nos dois sentidos- Brasil e Paraguai- e criaram liderança em cada grupo de dez famílias. Tem mais: cada vez que era feito um movimento de saída do Paraguai, eram escolhidas famílias dentro destes grupos. Não saiam todas de uma só vez. São escolhidas duas por vez. E as que saem são substituídas por outras que passam por todo um processo de discussão política de sua situação. Este esquema de trabalho dá uma certa segurança para o pessoal do movimento.²³

O Deputado Sergio Cruz, que acompanhou todo o processo de retorno, narra que:

Olha, essa, essa volta foi feita mais em Mundo Novo pelo um movimento de cedente de um sindicato lá de Mundo Novo, o Sindicato dos Trabalhadores de Mundo Novo e que fez há, que fez essa mobilização pra volta, inclusive contra o próprio sindicato, o sindicato tinha uma posição contrária à volta dos brasiguaios, porque o movimento sindical totalmente ligado ao governo do estado, o Pedro Ramalho, todo aquele povo era ligado ao sindicato do estado, eles era contra a volta, a vinda dos brasiguaios, primeiro porque era um movimento que eles tinham perdido o controle né, o sindicato tinha perdido o controle. Foi um movimento que surgiu mais ou menos espontâneo, teve a participação do sindicato, o sindicato então não apoiava o movimento, primeiro porque não tinha o controle de política e segundo porque eles defendiam que o processo de reforma agrária deveria ser feito por brasileiros que estavam aqui no Brasil e não brasileiros que estavam fora. Então, quer dizer, era um política de um Brasil Novo, eles criaram vários nomes para confrontar com brasiguaios, porque eles achavam que primeiro deveriam atender os brasileiros que reivindicavam aqui e depois trazer no caso os brasiguaios. [...]a organização, as decisões foram tomadas dentro de Mundo Novo e não só em Mundo Novo, como em Paranhos e algumas cidades da fronteira. O centro da atividade política era em Mundo Novo, então ali que o pessoal, ali que o pessoal decidia, agora as decisões eram tomadas pelos próprios brasiguaios. Tinha uma base de

²² CARTA A POPULAÇÃO. Mundo Novo, 21 de junho de 1985.

²³ WAGNER, Carlos. *Brasiguaios: homens sem pátria*. Petrópolis: Vozes, 1990. P.31-32

apoio lá em Mundo Novo desse pessoal dissidente, do sindicato, mas todas as decisões eram tomadas pelo próprio pessoal que estava dentro do Paraguai.²⁴

Nota-se que a partir da década de 1980, os movimentos de luta pela terra passam a ter um caráter sindical, contando com a participação de organizações que visavam o apoio político e organizacional como a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Segundo José de Souza Martins, a *luta pela terra* até então de caráter popular torna-se uma *luta pela reforma agrária*:

[...] a luta pela terra, que cresceu no Brasil durante a ditadura militar, atinge no cerne o direito de propriedade e, em consequência, o edifício político da sociedade brasileira. Enquanto que a luta pela reforma agrária traduz a luta pela terra na língua das alianças de classes, dos pactos políticos e da defesa política da forma de propriedade que temos.²⁵

Uma das propostas cunhadas para o retorno, era por meio da ocupação de áreas consideradas ociosas. O acampamento em Mundo Novo ou a “cidade de lona”, como ficou conhecido, passou a receber a partir de audiências públicas com o Ministro da agricultura da época Nelson Ribeiro, alimentação e promessas de desapropriação de uma área para instalá-los. Todavia, estes não tinham apoio do Governador Wilson Barbosa Martins, que por sua vez, culpava a CPT por trazer os brasiguaios. Fato este, que produziu várias discussões entre o Bispo Diocesano de Dourados Dom Teodardo Leitz e o Governador Wilson Barbosa Martins nas páginas do Jornal O Progresso de Dourados. A nota abaixo, traz um dos vários depoimentos do Bispo, sobre sua participação no movimento:

O bispo diocesano de Dourados, dom Teodardo Leitz reiterou ontem que não teve; qualquer tipo de participação no retorno dos brasiguaios, atualmente acampados em Mundo Novo, desmentindo informações que circulam no Estado, de ser a Comissão Pastoral da Terra (CPT) a incentivadora deste êxodo, que trouxe mais de 900 famílias do Paraguai. - “Não os chamei e não assumi nenhuma responsabilidade de manutenção desta gente”.²⁶

Enquanto os brasiguaios de Mundo Novo (MS), esperam o cumprimento da promessa de terra, vão estruturando dentro do acampamento várias comissões responsáveis pela saúde,

²⁴Sergio Cruz (Digital) Produção: Nelson de Lima Junior, Campo Grande: 21/07/2014: 50 min. (sonorização).

²⁵ MARTINS, José de Souza. *Não há terra para plantar neste verão: (o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo)*. Petrópolis: Vozes, 1988. P.67

²⁶JORNAL O PROGRESSO, 21-22 de setembro de 1985, p.3.

alimentação, higiene dos barracos, segurança, negociação e cadastramento. Neste período, cresce o número de pessoas acampadas na cidade de Iona, uma vez que a notícia do acampamento se espalha em solo paraguaio, colaborando para a vinda de mais pessoas. Em um mês, o pátio da prefeitura de Mundo Novo tornou-se uma outra cidade dentro do mesmo município. Neste período, são formados também novos acampamentos e assentamentos de Brasiguaios em vários municípios do Estado de Mato Grosso do Sul.

Figura 1- Mapa dos Assentamentos de Brasiguaios no Estado de Mato Grosso do Sul



Fonte: Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Acervo CEDEM.

Em Mundo Novo, com o passar dos meses, começaram a aparecer as primeiras consequências do imenso agrupamento de pessoas em uma pequena área. Devido à falta de assistência médica, pouca alimentação em dois meses segundo dados da CPT²⁷ já haviam registrados 24 mortes (20 crianças e quatro adultos) por diarreia, desidratação e desnutrição. O jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, traz em uma publicação de 1985 que: “Após 10 dias sem comida, os lavradores cercaram os caminhões de mantimentos e só os liberaram quando receberem os alimentos”. Essas dificuldades encontradas impulsionam os brasiguaios para a realização de manifestações principalmente na Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso do Sul, em Campo Grande. As ocupações de terras, desta forma, vão surgir como uma resposta a promessas de reforma agrária não realizadas.

²⁷ A violência da luta pela terra. In. 1985, conflitos de terra no Brasil. *Comissão Pastoral da Terra. Caderno CPT*, Goiânia- GO, 1986.

Depois de quatro meses e meio de acampamento, os brasiguaios de Mundo Novo recebem a notícia de que serão desapropriadas duas áreas de 13.621 hectares da Fazenda Horizonte e 4.840 hectares da Fazenda Escondido, ambas em Ivinhema. Todavia era pouca a terra oferecida a eles. Deste modo, é feita a organização para o deslocamento para este território conhecido também como Gleba Santa Idalina,²⁸ que já havia sido ocupada um ano antes, porém sem êxito. O transporte dos brasiguaios foi realizado por meio de ônibus e caminhões.

Os brasiguaios assim, passam a ocupar a Gleba Santa Idalina, até o momento em que o Governo do Estado e os representantes do INCRA²⁹ e do Ministério da Agricultura darão a posse definitiva aos camponeses. Segundo dados coletados em Campo, o Governador Wilson Barbosa Martins, tentou inúmeras vezes expulsar novamente estes sujeitos, deste território, porém os brasiguaios tinha o apoio do Ministro Nelson Ribeiro, mas não podiam planar e colher nestas terras até a divisão dos lotes. Como narra o senhor Pedro Luiz de Lima:

“Quando a gente tava aqui, aí a juíza e a Someco entrou com uma liminar, aí veio pela fazenda com um trator de esteira lá no toco do Ipê pra fazer um despejo dos brasiguaios. Aí o que aconteceu, aí o INCRA, a polícia militar pegou as lideranças, juntamos com o pessoal que morava aqui e fomo fazer barreira, ficamos lá uns quinze dias fazendo barreira, ou mais. Aí tive que furar um poço de água pro pessoal fica lá na barreira.”³⁰

A posse da terra dos brasiguaios só acontece em junho de 1986, quando foi feita a distribuição dos lotes a 700 família. Porém, várias famílias continuaram ainda sem terras. Cabe destacar que os últimos títulos foram entregues no ano de 2013.

A ocupação da Gleba Santa Idalina é considerada um marco na luta pela terra no Brasil pelos brasiguaios, principalmente por terem conseguido o direito de obter pequenas propriedades rurais que fazem parte de um projeto do governo conhecido como “assentamento Novo

²⁸A primeira ocupação ocorreu em 29 de abril de 1984, onde grupos de posseiros, colonos, sem-terra que residiam nas cidades de: Mundo Novo, Caarapó, Batayporã, Itaquirai, Eldorado, Naviraí, Taquarussu, Nova Andradina, Dourados, Fatima do Sul e Ivinhema, ocuparam esta área pertencente a Sociedade de Melhoramento e Colonização (SOMECO S/A). Após o deslocamento e a ocupação, os integrantes do movimento se instalam e montam acampamento. Porém, a Colonizadora Someco entra na justiça com um mandado de despejo, que é aprovado pelo Juiz. O acampamento fica todo cercado por policiais e jagunços da colonizadora, onde ninguém podia entrar e nem sair, a não ser alguns representantes da CPT. Os colonos permaneceram ainda quinze dias no acampamento, quando foram despejados, sem ter para onde ir, estes vão para o pátio da Igreja Matriz do município de Ivinhema, onde recebem alimentação. Em seguida o Bispo de Dourados Dom Teodardo Leitz, oferece as quase mil famílias uma área de aproximadamente 3 hectares na Vila São Pedro em Dourados, onde estes ficam acampados esperando alguma resposta do Governo.

²⁹Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

³⁰ ENTREVISTA: Pedro Luiz de Lima (Digital) Produção: Nelson de Lima Junior, Novo Horizonte do Sul: 24/10/2014: 27 min. (sonorização).

Horizonte do Sul”, o qual colabora na emancipação do município de Novo Horizonte do Sul em 1992, conhecido até os dias atuais como “cidade dos brasiguaios”.

Referências Bibliográficas

ALVES, J. L. *Brasiguaios: destino incerto*. São Paulo: Global, 1990.

BALLER, Leandro. *Cultura, Identidade e Fronteira: Transitoriedade Brasil/Paraguai (1980-2005)*. 2008. 186 p. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2008.

BATISTA, L. C. *Brasiguaios na fronteira: caminhos e lutas pela liberdade*. São Paulo, 1990. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz, 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CHEDID, Daniele Reiter. *A alteração das relações de vizinhança entre o Brasil e Paraguai: a aproximação cultural como política (1950-1970)*. In: Dilemas e diálogos platinos. Orgs: Angel Nuñez, Maria Medianeira Padoin, Tito Carlos Machado. ed. UFGD, Dourados-MS, 2010.

CORTÊZ, C. *Brasiguaios: os refugiados desconhecidos*. s. l.. Brasil Agora, 1994.

FABRINI, João E. *Campesinato e agronegócio na fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. NERA – Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – Artigo DATALUTA: novembro de 2012.

FERRARI, Carlos Alberto. *Os brasiguaios na fronteira: luta pela terra, violência e precarização do trabalho no campo e na cidade*. Pegada, vol. 8 n° 2, 2007.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MARTINS, José de Souza. *Não há terra para plantar neste verão: (o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo)*. Petrópolis: Vozes, 1988.

SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, 133p.

SPRANDEL, M. A. *Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais*. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado) – PPGAS, Museu Nacional.

SPRANDEL, M.A. *Brasileiros na fronteira com o Paraguai*. Estudos avançados, vol.20 n°57, São Paulo, 2006.

WAGNER, Carlos. *Brasiguaios: homens sem pátria*. Petrópolis: Vozes, 1990.

Fontes

CACIA, Cortez. A travessia do Rio dos pássaros: ocupação da Gleba Santa Idalina em Ivinhema-MS.BH,1985

Cadernos CPT, Ano I n°2, Agosto de 1982, Goiânia-GO.

Cadernos CPT, Ano V n° 2, Agosto de 1986, Goiânia-GO.

Carta a População. Mundo Novo, 21 de junho de 1985.

Entrevistas Orais

ENTREVISTA: Jovencino Francisco dos Santos (Digital) Produção: Nelson de Lima Junior, Novo Horizonte do Sul: 25/06/2014: 21 min. (sonorização).

ENTREVISTA: João Francisco dos Santos (Digital) Produção: Nelson de Lima Junior, Novo Horizonte do Sul: 25/06/2014: 27 min. (sonorização).

ENTREVISTA: Sergio Cruz (Digital) Produção: Nelson de Lima Junior, Campo Grande: 21/07/2014: 50 min. (sonorização).

ENTREVISTA: Pedro Luiz de Lima (Digital) Produção: Nelson de Lima Junior, Novo Horizonte do Sul: 24/10/2014: 27 min. (sonorização).

Jornais

Uma longa caminhada pela terra. **Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. São Paulo, Julho de 1985, Ano IV, n°45, p.7.

Assentamento sai em seis meses. **Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. São Paulo, Agosto de 1985, Ano IV, n°46, p.7.

Brasiguaios exigem assentamento imediato. **Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. São Paulo, Setembro de 1985, Ano IV, n°47, p.7.

É pouca terra oferecida aos brasiguaios. **Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. São Paulo, Outubro de 1985, Ano IV, n°48, p.6.

No Mato Grosso do Sul, começa o assentamento de brasiguaios. **Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. São Paulo, Dezembro de 1985, Ano IV, n°49, p.6.

Posse da terra vira ato político. **Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. São Paulo, Março de 1986, Ano V, n°50, p.7.

Tem terra de sobra para desapropriar. **Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. São Paulo, Abril de 1986, Ano V, n°51, p.9.

Brasiguaios vêm, vencem e comemoram. **Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. São Paulo, Julho de 1986, Ano V, n°54, p.8.

Hoje, ato público na praça pela reforma agrária. **Jornal O Progresso**. Dourados, Setembro de 1985, Ano 35, nº4057, p.1.

___ Dom Teodoro nega responsabilidade pela volta dos brasiguaios. p.3.

Estado possui áreas viáveis para o assentamento de todos os sem-terra. **Jornal O Progresso**. Dourados, Agosto de 1985, Ano 35, nº4125, p.2.

Wilson diz que políticos não devem faturar em cima da reforma agrária. **Jornal O Progresso**. Dourados, Agosto de 1985, Ano 35, nº4132, p.2.

Brasiguaios já tem área: Gleba Santa Idalina foi desapropriada. **Jornal O Progresso**. Dourados, Outubro de 1985, Ano 35, nº4175, p.1.

Final Feliz para os brasiguaios, sem terras de Naviraí aguardam vez. **Jornal O Progresso**. Dourados, Dezembro de 1985, Ano 35, nº4213, p.1.

Os desapropriados querem novos acordos com Itaipu. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 1979, p.9